Revista de @ntropologia da UFSCar
R@U, 9 (1), jan./jun. 2017: 179-198.

Caderno de Imagens: ATL

Foto: Edgar Corrêa Kanaykõ

> "A certeza da herança que nós indígenas vamos deixar para os filhos é a luta" (pensamento xacriabá)

Este caderno apresenta imagens do Acampamento Terra Livre - ATL, ocorrido em Brasília, de 24 a 28 de abril de 2017, em sua décima quarta edição. "Unificar as lutas em defesa do Brasil indígena" era o mote do acampamento em um momento em que a ofensiva contra os índios e seus direitos intensifica-se na mesma proporção em que os ruralistas vão concentrando mais poder no Legislativo e no Executivo.

As delegações indígenas superaram as expectativas. Eram esperadas entre 1,5 mil e 2mil pessoas. Ao final do acampamento, foram estimados 4 mil acampados oriundos de diversos povos e regiões do país. A participação expressiva foi uma resposta contundente dos povos indígenas ao genocídio do qual vêm sendo vítimas e às tentativas de supressão de seus direitos, entre eles o direito as suas terras e aos modos tradicionais de habitá-la e viver.

Durante o ATL, também se deu a articulação de um movimento de mulheres indígenas, com a reunião de lideranças femininas para debater suas pautas. Esse encontro teve ampla repercussão e vem somar com o propósito de fortalecer o protagonismo das mulheres na política indígena.

As marchas pela Esplanada foram momentos intensos. Em especial, a primeira caminhada ocorrida no dia 25 de abril de 2017, quando houve confronto com a polícia, como mostram algumas das fotos. A marcha foi puxada por um grupo de mulheres e contou com vários grupos reunidos, puxados por suas lideranças. Um grupo carregava uma porção de caixões que seriam depositados no lago do Congresso. Carregavam muitas faixas e vinham cantando. Ao final, reuniram-se todos no gramado para abrir uma grande bandeira com o escrito "Demarcação Já". A violência com que a marcha foi recebida foi mais uma expressão da escalada da violência que vem atingindo o campo e a cidade. Uma indignação geral percorreu o ATL e fomentou a luta, ainda que o governo tenha se mantido de portas fechadas para o diálogo com os Povos Indígenas. O acampamento foi uma afirmação da resistência dos índios a todos os genocídios perpetrados, de Belo Monte à extinção da rede de direitos protetivos. A principal bandeira do ATL foi, como das outras vezes, a da demarcação de terra.

Para narrar um pouco desses dias foram selecionadas fotos de dois fotógrafos indígenas, Edgar Corrêa Kanaykõ e Ray Baniwa, e de dois fotógrafos não indígenas, Fabiano Bechelany e Naiara Demarco. Por suas lentes, é possível captar um pouco da força e da resistência reunidas em Brasília em abril de 2017. Como conta a origem do acampamento, seu nome de batismo e todas as edições, a demanda por uma terra livre e habitada pelos povos e suas redes de relações é o eixo central. Resistir é viver na T/terra, esse sujeito na vida de todos aqueles povos que se recusam a equacioná-la à mercadoria e à destruição. Habitar a terra, lutar por ela, tornando-a livre para humanos e não humanos fazerem dela sua morada e serem por ela constituídos.

Organizadores

Fabiano Bechelany, Júlia Otero dos Santos, Paula Balduino de Melo e Renata Otto Diniz

Biografia dos fotógrafos

Edgar Corrêa Kanaykõ, pertence ao povo indígena Xakriabá, Estado de Minas Gerais. É mestrando em Antropologia pela UFMG. Tem atuação livre na área de Etnofotografia: "um meio de registrar aspecto da cultura - a vida de um povo". Nas lentes dele, a fotografia torna-se uma nova "ferramenta" de luta para o povo indígena, possibilitando ao "outro" ver com outro olhar aquilo que um povo indígena é.

Fabiano Bechelany, antropólogo, doutor pelo PPGAS/UnB, membro do Laboratório T/terra.

Naiara Demarco, fotógrafa, especialista na área de fotografia documental e retrato, graduanda no curso de Fotografia, no IESB, Brasília, atualmente realizando o curso profissionalizante de fotografia na escola F508, Brasília, DF, sócia-proprietária da empresa Dona Aranha Fotografia Infantil. Vem se especializando também em fotografia autoral, além de voltar sua atenção recentemente para registro e documentação em movimentos sociais, especialmente relacionados a povos indígenas.

Ray Benjamim é Baniwa e trabalha com comunicação e mídas sociais na Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN)

Recebido em 24 mar. 2017.

Aceito em 6 jul. 2017.

Ray Baniwa

Fabiano Bechelany

Palácio

Naiara Demarco

Edgar Corrêa Kanaykõ

DEMARCAÇÃO JÁ!

Contato fotógrafos

Edgar Corrêa Kanaykõ: edgarkanaykonbanaykan@gmail.com
Fabiano Bechelany: fabianobechelany@gmail.com
Naiara Demarco: naiara.demarco@gmail.com
Ray Baniwa